



A Pátria da Criança é a sua Infância

Magoam-me as terríveis imagens das crianças sírias gaseadas, relembro outras imagens, dos campos de concentração nazis, também as terríveis imagens de crianças queimadas pelo desfolhante laranja no Vietname. Obama, que eu respeitava, mesmo quando a dúvida do controlo do mundo pelos seus mais diversos serviços secretos me fazia lembrar o romance concentracionário 1984, de Orwell, do Big Brother, faz-me estremecer, quando o oiço defender uma intervenção militar na Síria, com o mesmo tipo de argumentação utilizada por Bush (e os seus lacaios Blair, Barroso, Aznar), para a invasão do Iraque. Que é o Iraque, hoje, após a intervenção militar dos americanos? Um país dividido entre sunitas e xiitas, onde o ódio religioso envenena o quotidiano e o futuro se transformou numa armadilha, sob a batuta das companhias americanas de petróleo e da finança especulativa e dos cartéis do complexo industrial-militar da venda de armamento. Algo há no mundo árabe que se torna difícil à compreensão europeia, e que não assenta nos conceitos do Ocidente, como a sua aversão à democracia, à liberdade, ao regime constitucional, aos direitos humanos. Mas, será que o mundo ocidental procurou alguma vez compreender o mundo do Norte de África e do Médio Oriente, para além da sua colonização e exploração desenfreadas? Que sabemos nós, portugueses, dos quase quinhentos anos de ocupação berbere e árabe na Península, e em Portugal? À partida, O Islão é o estranho, e o estranho é o suspeito. As provas que Obama apresenta sobre o uso de armas químicas contra os rebeldes muçulmanos nem precisam de demonstração, a ponto de ultrapassar o Conselho de segurança da ONU e, se não tiver apoio da Europa, avançar para a retaliação. A ilegitimidade de tal acção contra um país soberano parece não preocupar em demasia o Senado e o Congresso americanos, onde direitos humanos se confundem muito com interesses americanos. Isso magoa. O aquecimento global que, inexoravelmente, transforma a vida planetária num inferno, com aumento de temperatura, fogos, desertificação, destruição acelerada das espécies vegetais e animais, não é um crime, contra a Humanidade? Quem julga os países criminosos, que se escondem por detrás da tecnologia, do controlo das matérias primas, e dividiram o planeta em dois grupos, os devoristas e os consumidores? Já não só os exploradores e os explorados, que o colonialismo europeu, durante quinhentos anos, colocara no tabuleiro do domínio planetário e, no século XX, após duas guerras mundiais criminosas e inúmeras regionais, substituíram-se os antigos donos do planeta, os traumatizados e nunca unitários europeus, pelos arrogantes americanos, os ambiciosos russos e os enigmáticos e ansiosos chineses.

Já não se vive no mundo bipolar do século XX, mas num outro, estranho, onde os princípios Gerais dos Direitos do Homem e do Cidadão, que geravam e protegiam as democracias e a liberdade humana, vão sendo substituídos por uma urgência de controlo do mundo, pela criação duma sociedade automatizada e de pensamento acéfalo, com um único objectivo, produzir, um único direito, tentar sobreviver.

Já não há um conflito de gerações, nem de religiões, nem de civilizações. A sociedade planetária tem poderes ocultos com marionetas políticas, económicas, religiosas, militares, a servirem-nos nos cargos públicos das Instituições Mundiais, na chefia dos governos, a artificializarem conflitos, para manter o domínio do mercado planetário.

Obama é um exemplo de que algo vai mal na insensatez do mundo. Um homem que defende o que defendia, quem venera Luther King, a quem toma como exemplo, não pode manter Guantanamo sem se desonrar, nem lançar uma guerra sob um país independente do Médio Oriente, só com as provas que apresenta. O Líbano, o Iraque, a Jordânia, o Afeganistão, devem pesar-lhe na mentalidade pacifista com que se apresentou à mentalidade progressista do mundo, quando se candidatou a presidente dos EUA. Não defendo Assad, mas não creio que os rebeldes muçulmanos sírios sejam muito diferentes dos rebeldes muçulmanos no Egipto, ou na Arábia Saudita. E também não lavo as mãos pela isenção do racismo xenófobo do judaísmo fundamentalista de Israel.

As imagens que doem são a de seres humanos, gaseados, mutilados, assassinados. E crianças. Muitas. E estas não têm pátria, só infância.

5 de Setembro de 2013

✉ antoniomario45@gmail.com

António Mário escreve sempre às quintas-feiras em www.oriachense.pt